AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.1, Abr., 2025, p.95-106
DOI: https://doi.org/10.18012/arf.v12i1.71277
Recebido: 27/09/2024 | Aceito: 30/01/2025
Licença: Creative Commons 4.0 International (CC BY 4.0)

O EROTISMO NAS "ESCRITURAS SAGRADAS" E A INTERPRETAÇÃO POLIDA, A BUSCA POR UMA HERMENÊUTICA DO ENCOBRIMENTO

[EROTICISM IN THE "HOLY SCRIPTURES" AND POLITE INTERPRETATION, THE SEARCH FOR A HERMENEUTICS OF COVERUP]

*André Magalhães Coelho**
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

RESUMO: Esse artigo propõe uma análise a partir das reflexões do filósofo Sul coreano Byung-Chul Han e Roland Barthes. Na sociedade positiva hoje o velado se torna descoberto, o liso o polido são marcas da contemporaneidade que seduz, aproxima, para euforias. O sujeito suscita gosto e sensações de prazer, sem distanciamento, não é possível a mística. A desmistificação faz tudo se transformar em algo agradável e consumível, suavizando a beleza ao remover seu véu, diminuindo o erotismo e convertendo-o em mera apreciação em vez de aura. O propósito dessa escrita é refletir sobre como o ocultamento também erotiza a redação, o sagrado ofusca intencionalmente as "Escrituras Sagradas" com metáforas e figuras de linguagem, a revelação o torna sem mistérios, místicas e surpresa. Para esse estudo utilizaremos as obras de Byung-Chul Han e Roland Barthes especificamente seu livro o prazer do texto.
PALAVRAS-CHAVE: "Escrituras Sagradas"; Erotismo; Polido; Hermenêutica do encobrimento

ABSTRACT: This article proposes an analysis based on the reflections of South Korean philosopher Byung-Chul Han and Roland Barthes. In today's positive society, the veiled becomes uncovered, the smooth and polished are marks of contemporaneity that seduces, brings them closer, to euphorize them. The subject arouses taste and sensations of pleasure, without detachment, mysticism is not possible. Demystification makes everything transform into something pleasant and consumable, softening beauty by removing its veil, reducing eroticism and converting it into mere appreciation instead of aura. The purpose of this writing is to reflect on how concealment also eroticizes the writing, the sacred intentionally obfuscates the "Holy Scriptures" with metaphors and figures of speech, the revelation makes it without mysteries, mystiques and surprises. For this study we will use the works of Byung-Chul Han and Roland Barthes, specifically their book the pleasure of the text.
KEYWORDS: "Sacred Scriptures"; Eroticism; Polished; Hermeneutics of concealment

INTRODUÇÃO

Hoje vivemos um entusiasmo pela exposição de nossas imagens, corpos, conteúdos que produzimos, o imperativo é mostrar para sermos vistos e comtemplados.

O polido o descoberto é a marca que produzimos na sociedade contemporânea, o liso é sinal da sociedade positiva onde tudo fica a mostra para serem tocados e admirados.

** Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo e pós-doutorando pela mesma instituição (UMESP). E-mail: magalhaescoelhoa@gmail.com*

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.1, Abr. 2025, p.95-106

O objeto liso e brilhante resiste a tudo que pode desafiá-lo, preferindo apenas ser admirado. As manifestações abertas desejam elogios e gritos de euforia. Tudo que é secreto desagrada o observador, pois ele busca proximidade, não distanciamento. Ele quer ser envolvido, e o distante não o atrai. O sentido do tato é o mais desmistificador dos sentidos, ao contrário da vista, que é o mais mágico. A vista mantém a distância, enquanto o tato a elimina. Sem distância, não é possível a mística.

A desmistificação torna tudo saboreável e consumível. O tato destrói a negatividade do completamente diferente. Seculariza aquilo que toca. Ao contrário do sentido da vista, o tato é incapaz de espanto. Por isso, o ecrã tátil polido, o *touch screen,* é um lugar de desmistificação e de consumo total. Gera aquilo que cada um gosta.

O *smartfone* é o liso que faz os dedos escorregarem pela tela, sem nenhum sacrifício, as redes sociais o *facebook, instagram* é aquilo que todos se reúnem para exposições de seus corpos e falas, o *like* é a aproximação do objeto polido que atrai, a negatividade não é bem-vinda nesses espaços virtuais, poque inibe e afasta, apenas o positivo se constrói em épocas de desnudação e transparência. O polido e liso tem uma intenção totalmente diferente: molda-se ao observador, suscita-lhe um gosto. Tudo o que quer não é derrubar, mas agradar. Hoje, a beleza é suavizada quando toda a negatividade e todas as formas de emoção e vulnerabilidade são removidas.

O belo esgota-se no gosto. A comunicação visual polida efetua-se como um contágio sem distância estética. A visibilidade exaustiva do objeto destrói também o olhar.

E só a alternativa rítmica de presença e ausência, de encobrimento e desvelamento, que mantém desperto o olhar. Do mesmo modo, o erótico resulta da encenação de um aparecer-desaparecer, à linha de flutuação do imaginário. A presença pornográfica1x permanente do visível destrói o imaginário. Hoje, não é só o belo, mas também o tosco, a tornar-se polido. Também o tosco perde a negatividade do diabólico, do sinistro ou do terrível, e amaciam-no do mesmo modo, tornando-o uma fórmula de consumo e fruição.

Assim como as artes, as redes sociais e tudo que faz parte dessa sociedade positiva é colocada a aparência, o velado não é bem-vindo.

A linguagem do texto também acaba se tornando polida, deserotizando-a leitura e sua mística por trás das letras, os olhos saltam com pressa. Não, é o próprio ritmo daquilo que se lê e do que não se lê que produz o prazer num relato, não é, pois, diretamente o seu conteúdo, nem mesmo sua estrutura, mas antes as esfoladuras que impondo ao belo revestimento: corro, salto, ergo a cabeça, torno a mergulhar na contemplação e no velado que a escrita nos dar.

O objetivo desse texto é propor uma análise a partir das reflexões do filósofo Sul coreano Byung-Chul Han e do francês Roland Barthes, e refletir como o ocultamento também erotiza a redação, o sagrado ofusca intencionalmente as "Escrituras Sagradas" com metáforas e figuras de linguagem, a revelação o torna sem mistérios, místicas e surpresa.

E um primeiro momento, vamos analisar, a sociedade positiva, e seus desdobramentos, depois verificaremos os efeitos de uma contemporaneidade marcada pelo polido e sua desmistificação, e por fim, a erotização no texto sagrado e a hermenêutica do encobrimento, identificaremos como encobrimento erotiza também o texto, e as sagradas escrituras como metáforas, que se tornam objeto de desejo e

contemplação e não como mera informação textual polida.

Hoje, há entusiasmo em exibir nossas imagens, corpos e conteúdos. O imperativo é mostrar para ser visto e contemplado. O polido e o descoberto são a marca que produzimos.

Sociedade positiva

A positividade, é uma marca das sociedades contemporâneas, porém a negatividade marcada por violências, controle, coerção não desaparecerão, apenas se retira de espaços subcutâneos, sub-comunicativos e neurais, adotando uma forma de microfísica.

> Na transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho o superego acaba se positivando no eu-ideal. O superego é repressivo. Pronúncia acima de tudo proibições. Com o "traço duro e cruel do dever de ordem", com o "caráter da restrição árdua, da proibição cruenta", ele impera sobre o eu. Contrariando ao superego repressivo, o eu-ideal é sedutor. O sujeito de desempenho projeta a si mesmo na linha do eu-ideal, enquanto o sujeito de obediência se submete ao superego. Submissão e projetos são dois modos de existência bem distintos (HAN, 2017, p.100).

Podemos observar que as mudanças resultantes das proibições promovem emoções positivas, unindo liberdade e coerção. No entanto, a positividade torna-se uma busca de pleno desempenho, ocupando todo o espaço referente à condução humana social. Já não há tempo para pensar no tempo, com todas as suas inquietações e acumulações. Para Han (2017),

> A sociedade do desempenho, dominada pelo poder, onde tudo é possível, onde tudo é iniciativa e projeto, não tem acesso ao amor enquanto vulnerabilizarão e paixão. O princípio de desempenho, que hoje domina todos os âmbitos da vida, abarca também o amor e a sexualidade (p.29).

Assim para Han (2017), na sociedade do desempenho, tudo é otimizado, o amor a sexualidade, "assim, atualmente, o lixo também acaba sendo positivado" (p.224). As manifestações humanas e sociais, além do refinamento e da sutileza, refletem este mundo onde o distanciamento e o oculto são valorizados. A sociedade positiva atual elimina cada vez mais a negatividade da ferida. Isso se pode dizer também do amor.

Evita-se qualquer intervenção onerosa que possa conduzir a uma vulneração. As energias libidinosas, à maneira de investimentos de capital, dispersam-se entre muitos objetos para evitar uma perda total. A percepção tem evitado a negatividade, é o gosto que domina a percepção. Mas ver, num sentido enfático, é sempre ver deforma diferente quer dizer, experimentar.

Não podemos ver de modo diferente sem nos expormos a uma vulneração. Ver pressupõe a vulnerabilidade. Caso contrário, é apenas a mesma situação que se repete. Sensibilidade é vulnerabilidade (HAN, 2019, p. 31). Na sociedade atual as coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam rasas e planas, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação.

As ações se tornam transparentes quando se transformam em operacionais, quando se subordinam a um processo passível de cálculo, governo e controle.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.1, Abr. 2025, p.95-106

O tempo se torna transparente quando é aplainado na sequência de um presente disponível. Assim, também o futuro é positivado em um presente otimizado. O tempo límpido é um tempo sem destino e sem evento. As imagens tornam se transparentes quando, despojadas de qualquer dramaturgia, coreografia e cenografia, de toda profundidade hermenêutica, de todo sentido, tornam-se pornográficas, que é o contato imediato entre imagem e olho.

As coisas tornam se transparentes quando depõem sua singularidade e se expressam unicamente no preço (HAN, 2017, p. 8).

A sociedade positiva é dominada pela transparência e obscenidade da informação em uma articulação tal, que não existe mais qualquer acontecimento. A coerção por transparência nivela o próprio ser humano a um elemento funcional de um sistema. Nisso reside a violência da transparência. Outro fator da comunidade positivada é o desaparecimento dos símbolos que se refere à atomização progressiva da coletividade. Ao mesmo tempo, a sociedade se torna narcisista.

O processo narcisista de internalização desenvolve uma animosidade em relação à forma. As formas objetivas são rejeitadas em favor dos estados subjetivos. Os rituais são inacessíveis à interioridade narcísica. A libido do *self* não pode acasalar com eles.

Quem se entrega a rituais precisa esquecer de si. Os rituais promovem um afastamento pessoal, permitindo a transcendência. Eles esvaziam seus atores da psicologia e da interioridade. As sensações e sociais, além do refinamento e da sutileza, refletem este mundo onde o distanciamento e o oculto são valorizados. A sociedade positiva atual erradica cada vez mais a negatividade da ferida. Em vez disso, ele transita entre informações, experiências e sensações, sem concluir nenhuma delas. As séries são tão populares hoje porque respondem ao hábito da percepção serial.

No consumo de mídia, o nível de percepção visual leva à compulsão por assistir, ao excesso de televisão ou à visão bulímica. A compreensão serial é extensa, enquanto a interpretação simbólica é intensiva. Por causa de seu caráter extenso, a percepção serial presta total atenção. Hoje, a intensidade dá lugar à extensão em todos os lugares. A comunicação digital é uma comunicação extensiva (HAN, 2021, p. 10).

O POLIDO E O LISO

A informação é uma forma pornográfica do saber. Carece dessa interioridade que o caracteriza. Da mesma forma, o conhecimento muitas vezes possui um aspecto negativo, pois frequentemente precisa ser adquirido através de enfrentamento de resistências. O saber tem uma estrutura temporal inteiramente diferente. Em tensão entre o passado e o futuro.

Em contraste, a informação habita um presente indefinido e suave, um tempo sem eventos ou destino. O refinado é algo que alguém simplesmente aprecia. Carece da negatividade do contrário. Deixou de ser um corpo contraposto. Também a comunicação, hoje, se toma lisa. Amacia-se através da transformação de uma troca sem fricção de informações.

A comunicação polida carece de toda a negatividade do diferente e do estranho. A interação atinge sua velocidade máxima quando a mesma correspondência refinada do idêntico.

A positividade do polido acelera os circuitos de informação, de comunicação e

de capital. Erotização no texto sagrado e a hermenêutica do encobrimento.

O corpo encontra-se hoje em crise. Desintegra-se não só em partes corporais pornográficas, mas também em séries de dados digitais. A fé na mensurabilidade e na quantificação da vida domina a época digital no seu conjunto (HAN, 2019).

Han (2019) ao falar da tecnologia ele diz que a conexão digital interconecta o corpo transformando-o uma rede. O automóvel autônomo não é apenas um terminal móvel de informações ao qual estou conectado. Assim, conduzir um automóvel passa a ser um processo puramente transacional (HAN, 2019, p.14).

A velocidade é perfeitamente desacoplada do imaginário. O automóvel deixou de ser uma extensão do corpo ocupada por fantasias de poder, posse e apropriação.

O automóvel que se auto-conduz deixou de ser um falo2x. Um falo ao qual me limito a estar conectado é uma contradição. De maneira similar, a partilha do veículo, *car-sharing*, desencanta e dessacraliza o carro. E desencanta igualmente o corpo.

O princípio do partilhar, ou do *sharing*, não vigora sobre o falo, porque este é precisamente o símbolo da apropriação, da propriedade e do poder por antonomásia. As categorias econômicas do partilhar, ou do *sharing*, como a "conexão" ou o "acesso", destroem a fantasia do poder e da apropriação. No automóvel que se auto-conduz, não sou ator, demiurgo ou dramaturgo, mas uma simples interface na rede global da comunicação (HAN, 2019 p. 15).

Han (2019) estabelece uma diferenciação entre o atraente natural e o atraente polido. Segundo o filósofo sul-coreano, o objeto encantador é algo que se apresenta ao sujeito, estabelecendo com ele uma relação livre. Confrontar resistências é um desafio. O conhecimento possui uma estrutura temporal totalmente distinta. Uma tensão entre o passado e o futuro. Em contraposição, a informação reside em um presente indefinido e suave, um tempo sem eventos ou destino. O sofisticado é algo que alguém simplesmente aprecia. Está isento da negatividade do oposto. Cessou de ser uma entidade contraposta.

A comunicação, atualmente, torna-se alisada. Suaviza-se através da transformação de uma interação sem frio. Por fim, perante um artefato, o sujeito não é livre enquanto se mantém preso a ele ou enquanto tenta subordiná-lo à sua vontade, sua meta e seu interesse, encontrando, ao tentar, a resistência do artefato. O belo não é a obra enquanto produto, mas o sobressair da verdade que resplandece.

O belo transcende, do mesmo modo, a complacência desinteressada. interioridade que o caracteriza. Da mesma forma, o conhecimento muitas vezes possui um aspecto negativo, pois frequentemente precisa ser conquistado através de enfrentamento de resistências. O saber tem uma estrutura temporal inteiramente diferente. Em tensão entre o passado e o futuro (HAN, 2019, 67).

A EROTIZAÇÃO NO TEXTO SAGRADO E A HERMENÊUTICA DO ENCOBRIMENTO

O texto tem uma forma humana, é uma imagem, um anagrama da representação física sim, mas de nossa silhueta erótica. O deleite do conteúdo seria irredutível ao seu funcionamento gramatical (feno-conteúdo), assim como o deleite da figura física é irredutível à necessidade fisiológica. Prazer do texto ocorre quando meu corpo segue suas próprias ideias, já que ele e eu não compartilhamos as mesmas. Como experimentar alegria em uma satisfação relatada como tédio nas narrativas de sonhos,

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.1, Abr., 2025, p.95-106

de festas.

Como um leitor em segundo grau, tenho que ajustar minha posição. Em vez de ser o confidente seguro da crítica de um único meio, posso me tornar seu *voyeur*3x. Observo secretamente o prazer do outro, entrando na perversão. A crítica se transforma então em um texto, uma ficção, um invólucro rachado aos meus olhos.

Perversidade do escritor seu prazer de escrever não tem função, dupla e tripla perversidade do crítico e do seu leitor, até ao infinito. Um texto sobre contentamento deve ser breve, pois expressa o prazer de maneira indireta através de uma reivindicação de direito ao contentamento. Esse texto segue uma dialética breve, alternando entre a opinião e a contestação.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.1, Abr. 2025, p.95-106

Falta um terceiro termo, outro além do prazer e sua censura. Este termo é postergado para mais tarde e, enquanto nos apegarmos à própria designação de prazer, todo texto sobre o regozijo sempre será apenas procrastinatório; constituirá uma introdução ao que nunca se concretizará. As produções da arte contemporânea são semelhantes às que esgotam sua necessidade logo após serem vistas. Ao vê-las, compreendemos imediatamente seu objetivo destrutivo. Elas não oferecem mais nenhuma duração contemplativa ou deleite. Qualquer introdução a isso só poderia repetir-se, sem nunca introduzir nada novo.

O prazer do texto não é forçosamente do tipo triunfante, heroico, musculoso. Não tem necessidade de se arquear. Minha satisfação pode muito bem assumir a forma de uma deriva.

Não se trata do prazer do strip-tease corporal ou do suspense narrativo. Em ambos os cenários, não existe rasgão, não existem margens; ocorre uma revelação progressiva: toda a excitação se esconde na expectativa de ver o sonho colegial do sexo ou de descobrir o fim da história do deleite romanesco.

Embora seja paradoxalmente um prazer de consumo em massa, é mais intelectual do que o prazer edipiano de desvendar, conhecer a origem e o fim. Se cada história e descoberta da verdade simboliza a figura do Pai ausente, oculto ou divinizado, isso poderia esclarecer a relação entre os estilos de narrativa, as estruturas familiares e as restrições à nudez - todos ilustrados em nosso mito de Noé coberto por seus filhos (BARTHES, 1987, pp.10-11).

Segundo Barthes, o encobrimento forma uma parte essencial do erótico. O lugar mais sedutor de um corpo é aquele onde a roupa se abre, essa zona da pele que brilha entre duas peças de vestuário as calças e a camisola, entre duas bordas a camisa entreaberta, a luva e a manga. Sedutor é a encenação de um aparecer/desaparecer. São a fissura, a ruptura e o vazio que constituem o atrativo. O prazer erótico através do texto distingue-se do prazer do desnudamento corporal, que surge de um desvelamento progressivo.

Da mesma forma, um romance com uma única trama, rumo a uma revelação final e uma verdade absoluta, é considerado pornográfico. Toda a excitação se refugia na esperança de ver o sexo o sonho do colegial ou de conhecer o fim da história satisfação romanesca.

O erótico funciona sem verdade. E uma aparência, um fenômeno do véu. A sedução brinca com a intuição daquilo que no outro permanece eternamente secreto para ele mesmo, aquilo que nunca saberei dele e que, no entanto, me atrai sob o selo do segredo.

É-lhe inerente um *pathos* da distância e, mais ainda, um *pathos* do encobrimento. E a intimidade do amor elimina essa distância secreta que é essencial para a sedução. Por fim, a pornografia fá-la desaparecer por completo.

Passamos de uma figura para outra, da sedução ao amor, do jogo ao desejo e, enfim, à pornografia pura e simples. Quanto mais avançamos, mais progredimos para um segredo menor, um enigma menor. Evoluímos em direção à confissão, à expressão, ao desvelamento. Não é só o corpo a se desnudar, mas também a alma. A pornografia anímica é o final definitivo da sedução, que é mais jogo do que verdade (HAN, 2019, p. 30).

O texto é um objeto fetiche e esse fetiche me deseja. O texto me escolheu através de critérios invisíveis como vocabulário, referências e legibilidade. Perdido em sua estrutura, sempre existe a presença do autor.

A figura do escritor como instituição está morta; sua participação civil, passional e biográfica desapareceu. Despojado, já não tem mais controle sobre sua obra, uma paternidade que a história literária, o ensino e a opinião eram responsáveis por estabelecer e renovar. Porém, de certa forma, anseio pelo criador no escrito. Desejo a presença autêntica do escritor, não apenas sua imagem ou representação, assim como ele precisa de mim.

O criador literário como instituição está morto: sua identidade civil, passional e biográfica desapareceu. Já não tem poder sobre sua obra, uma paternidade que a história literária, educação e opinião tinham a tarefa de estabelecer e renovar. No texto, de certa forma, eu anseio pelo produtor e preciso de sua figura, assim como ele precisa da minha (BARTHES, 1987, p.23).

O texto ele produz imaginação é a faculdade de compilar numa imagem unitária os múltiplos dados sensoriais fornecidos através da intuição que o texto nos fornece. O entendimento opera a um nível superior de abstração, compilando as imagens num conceito. Na presença do belo, as capacidades cognitivas, especificamente a imaginação e o entendimento, encontram-se num jogo livre, harmoniosamente ajustados. As faculdades cognitivas jogam ao contemplar o belo. Mas não trabalham na produção de conhecimento e nem tem pressa de interpretação.

Ou seja, perante o belo, as faculdades cognitivas mantêm uma atitude lúdica. Contudo, este jogo livre não é inteiramente livre, não é desprovido de propósito, porque é um prelúdio ao conhecimento enquanto trabalho. Mas continuam ainda a jogar. A beleza pressupõe a leitura contemplativa. Tem lugar antes do trabalho.

O belo é agradável ao sujeito porque estimula a concertação harmoniosa das faculdades cognitivas. O sentimento do belo não é senão o prazer com a harmonia das capacidades intelectuais que a nossa imaginação trabalha no texto, com a harmonia da sintonização das potências mentais, essencial para o trabalho da imaginação (HAN, 2019, p. 19).

> Alguns querem um texto (uma arte, uma pintura) sem sombra, cortada da ideologia dominante; mas é querer um texto sem fecundidade, sem produtividade, um texto estéril (vejam o mito da Mulher sem Sombra). O texto tem necessidade de sua sombra: essa sombra é *um pouco de ideologia, um pouco de representação, um pouco de sujeito: fantasmas, bolsos, rastros, nuvens necessárias; a subversão deve produzir seu próprio claro-escuro* (BARTHES,

1987, p. 26 grifo do autor).

Para Barthes, a formosura não se revela, mas permanece oculta, a sombra por trás das letras. A beleza não pode ser irrestritamente revelada, pois está intrinsicamente ligada ao mistério e ao oculto. O que é velado só permanece igual a si mesmo sob o velamento, e o desvelamento faz desaparecer o velado. Assim, não existe beleza desnuda.

Na nudez sem véus o essencialmente belo é evitado, e no corpo desnudo do ser humano alcança-se um ser acima de toda beleza – o sublime é uma obra acima de todas as imagens o ser do criador. A beleza pode estar restrita a uma forma específica, enquanto o sublime representa a desnudez sem contorno ou figura, que não precisa de mistério para se completar.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.1, Abr. 2025, p.95-106

O magnífico transcende a beleza, e a nudez, longe de ser pornográfica, é esplêndida, remetendo à obra do Criador. Um objeto também é sublime quando ultrapassa todas as representações e substituições possíveis.

O sublime vai muito além da força da imaginação. Na tradição cristã, a nudez traz um significado teológico indissolúvel, desvendada na medida em que está intrinsecamente associada ao manto e ao ocultamento. O que é encoberto só permanece inalterado sob o encobrimento, e o desencobrimento faz desaparecer o encoberto. Assim, não existe beleza. Assim, a nudez significa a perda das vestes da graça.

A tentativa de pensar uma nudez liberta do dispositivo teológico; ele amplia o sublime do corpo até o nível do pornográfico. Sobre um modelo de nudez semipornográfico ele observa:

"Um belo rosto que, sorrindo, mostra sua nudez significa uma única coisa: Você gostaria de experimentar meu mistério? Você gostaria de ver claramente além do meu véu? Então, vamos lá, olhe se for capaz, contemple essa ausência de mistério completa e indesculpável" (HAN, 2017, p. 25).

Hoje, com o excesso de informação, o afastamento velado, a ausência, aniquila tanto a proximidade quanto a distância. Está revelado, pois está conectado ao mistério e ao oculto.

O que é oculto só permanece igual a si mesmo sob o ocultamento, e o desvelamento faz. É precisamente essa interação entre intimidade e distância que produz a aura, o rastro é a aparição de uma vizinhança, por mais longínquo que esteja aquilo que o deixou. A aura é a aparição de algo longínquo, por mais próximo que esteja aquilo que a evoca.

A aura é narrativa porque está impregnada de distância. A informação, por outro lado, retira a aura e desencanta o mundo ao eliminar o afastamento. Ela apresenta o mundo. Assim, torna-o disponível. O rastro, que aponta para a distância, também é rico em alusões e representa uma tentação para a narração.

A crise narrativa da modernidade se deve ao fato de que o mundo está inundado de informações.

O espírito da narração está sendo sufocado pelo dilúvio de dados. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. Informações reprimem acontecimentos que não são passíveis de explicação, mas apenas de narração. Narrações geralmente possuem margens de milagre e de mistério.

Elas não são compatíveis com informações, que são a contra figura do mistério. Explicação e narração são mutuamente excludentes: cada manhã recebemos notícias de todo o mundo (HAN, 2023, p. 14).

E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação (HAN, 2023).

> Basta com efeito que o cinema tome de *muito perto* o som da fala (é em suma a definição generalizada do grão da escritura) e faça ouvir na sua materialidade, na sua sensualidade, a respiração, o embrechamento, a polpa dos lábios, toda uma presença do focinho humano (que a voz, que a escritura sejam frescas, flexíveis, lubrificadas, finamente granulosas e vibrantes como o focinho de um animal), para que consiga deportar o significado para muito longe e jogar, por assim dizer, o corpo anônimo do ator em minha orelha: isso granula, isso acaricia, isso raspa, isso corta: isso frui (BARTHES, 1987, p. 52).

Para Barthes o erotismo é essencial para o velado o encobrimento erotiza também o texto. Segundo Santo Agostinho, Deus obscurecera e encoberta propositadamente as "Sagradas Escrituras" com metáforas, com uma capa de figuras, para as tomar objeto de desejo, e velada com mistérios. O belo vestido feito de metáforas erotiza as Escrituras (AGOSTINHO, 1999, p. 84).

Quer dizer, o revestimento é essencial para as Escrituras, do mesmo modo que para o belo. A técnica do encobrimento torna a hermenêutica uma erótica. Maximiza o prazer através do texto e toma a leitura um ato amoroso. Também a *Torá* se serve da técnica do encobrimento (HAN, 2019, p. 29).

Ela é revelada como uma amada que se esconde, mostrando seu rosto ao seu amado, que também permanece oculto, apenas por um instante.

A leitura se torna uma aventura envolvente: A Torá permite que uma palavra se destaque antes de se ocultar novamente. A Torá, ao se revelar antes de se ocultar novamente, é apenas reconhecida por quem a conhece bem.

Pois a *Torá* é como uma amada bela e galante que se esconde numa câmara oculta no seu palácio (HAN, 2019).

Tem um único amado do qual ninguém tem conhecimento e que se mantém escondido, ocultando-se. Por amor a ela, este amado circula repetidamente ao redor de sua casa, buscando-a com o olhar em todas as direções.

Ela sabe que o amado anda sempre a rondar a porta de sua casa. E que faz e abre uma pequena fresta nessa câmara escondida em que está, desvela por um momento o seu rosto ao amado e, em seguida, toma a esconder-se (HAN, 2019).

A *Torá* é "patente e oculta". Fala através de um ténue véu de palavras alegóricas. Conta ao seu amado todos os seus segredos escondidos e todas as suas vias secretas guardadas no seu coração desde os primeiros dias. Fundamentalmente, as informações não se podem velar.

São, por essência, transparentes. Têm apenas de estar dadas. Repelem qualquer metáfora, qualquer revestimento que vele. Falam diretamente. Nisso distinguem-se também do saber, que pode retirar-se e esconder-se em segredo. As informações obedecem a um princípio totalmente diferente: estão orientadas rumo ao desvelamento, rumo à verdade última. São, em conformidade com a sua essência própria,

pornográficas (HAN, 2019). O belo é um esconderijo.

A ocultação é essencial à beleza. A formosura entra em conflito com a transparência. A beleza transparente é um oxímoro. A beleza é necessariamente uma aparência. E lhe é própria uma opacidade. Opaco significa sombreado.

O desvelamento desencanta e destrói a beleza. É por isso que o belo, obedecendo à sua essência, é indesejável. A pornografia, sendo a nudez sem mistério ou disfarce, é o oposto da beleza.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.1, Abr. 2025, p.95-106

O seu lugar ideal é o expositor: Nada mais homogêneo do que uma fotografia pornográfica. É sempre uma imagem inocente, sem intenção e sem cálculo. Como um mostruário que exibe apenas uma joia iluminada, a fotografia erótica é formada pela apresentação de um único elemento: o sexo. Não há um objeto secundário parcialmente escondido que possa atrasar ou distrair. Mas ocultar, retardar e distrair são também estratégias espaço temporais do belo. O cálculo do semioculto gera um brilho sedutor.

O belo vacila na hora de se manifestar. A distração protege-o de um contato direto. A diversão é essencial ao erótico. A pornografia não conhece a distração, vai diretamente ao assunto. (HAN, 2019, p. 26).

Karl Barth um teólogo protestante ao falar da manifestação do sagrado comentava que a revelação é esse conceito limite da verdade, que penetra e transcende a massa de todas as realidades religiosas.

Esse conceito gerado pela ciência da religião o coloca entre parêntesis, não pode abordá-lo como tal e muito menos estabelecer seu conteúdo. Barth compreendia que a aspiração de derivar conhecimento das "Escrituras Sagradas" sem considerar a contemplação ou a revelação, podia resultar em interpretações pessoais do leitor. O velado não se manifesta através da transparência, mas sim em uma hermenêutica do encobrimento (BARTH, 2011, p. 32).

Roland Barthes ao falar da ciência diz que o texto tem muitos corpos e aquele que a ciência vê ou de que fala é o texto dos gramáticos, dos críticos, dos comentadores, filólogos4x.

Barthes vê o erotismo como crucial para o disfarce que erotiza o texto. Segundo Santo Agostinho, Deus intencionalmente encobre as "Sagradas Escrituras" com metáforas e mistérios, tornando-as objeto de desejo.

Este belo arremedo de metáforas erotiza as Escrituras. Ou seja, o disfarce é tão essencial para as Escrituras quanto para a beleza. A técnica de encobrimento transforma a hermenêutica em um demorar com distanciamento (BARTHES, 1987, p. 15).

Considerações finais

Esse texto procurou analisar por meio das reflexões de Byung-Chul Han e Roland Barthes, o reflexo da sociedade positiva e sua transparência, em transformar tudo em objeto de consumo. O polido é a marca da sociedade contemporânea, a negatividade não faz parte do olhar apressado em querer tocar e mostrar sua performance, a internet se tornou um lugar de desempenho onde o sujeito procura interagir com seus conteúdos, imagens e expressões, e torna o seu lugar de espaço. O importante é a superfície lisa, a beleza sem segredos ou mistérios, onde a aparência e o gosto são as características que atraem atenção.

O seu revestimento artificial conserva-o sempre polido, e transmite somente uma

sensação agradável à qual não é possível associar sentido ou profundidade alguma. Analisamos que a sociedade positiva transforma o texto em produção e olhares apressados, a pornografia como nudez sem véus nem mistério não conhece a distração e o segredo por traz das letras.

O texto sagrado, é belo como segredo, só se chega graças ao conhecimento do véu como tal. É sobretudo para o véu que teremos de nos voltar para nos advertirmos do velado. Analisamos que a informação a transparência de deixar tudo exposto é uma forma pornográfica do saber.

Em contraste, a informação vive num tempo suavizado, originado de pontos indistintos do presente, um tempo sem eventos ou propósito. O agradável é algo que alguém simplesmente aprecia e não possui a negatividade do oposto. Deixou de ser um corpo contraposto.

Também a comunicação, hoje, se toma lisa amacia-se através da transformação de uma troca sem fricção de informações. A comunicação polida carece de toda a negatividade do diferente e do estranho. O excesso de informação, o afastamento velado, a ausência, aniquila tanto a proximidade quanto a distância.

O que é oculto permanece igual sob o ocultamento. O desvelamento cria a interação entre intimidade e distância, produzindo a aura. O rastro é a aparição de uma vizinhança, não importa quão distante esteja sua origem. A aura é a aparição de algo longínquo, por mais próximo que esteja aquilo que a evoca.

A aura é narrativa porque está impregnada de distância. A informação, por outro lado, retira a aura e desencanta o mundo ao eliminar o afastamento. Ela apresenta o mundo. Assim, torna-o disponível. O rastro, que aponta para a distância, também é rico em alusões e representa uma tentação para a narração.

A crise narrativa da modernidade se deve ao fato de que o mundo está inundado de informações. O espírito da narração está sendo sufocado pelo dilúvio de dados. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio.

Informações reprimem acontecimentos que não são passíveis de explicação, mas apenas de narração. Narrações geralmente possuem margens de milagre e de mistério. A interação atinge sua velocidade máxima quando a mesma mensagem refinada é idêntica. A positividade do polido acelera os circuitos de informação, de comunicação e de capital.

O véu é mais essencial do que o objeto velado. Notamos que o texto permite que uma palavra apareça antes de se ocultar novamente.

O texto, quando interpretado, se torna acessível para aqueles habilidosos em literatura, mesmo que às vezes possa se ocultar. Pois a "Escritura Sagrada" é como uma amada bela e galante que se esconde e aparece quando quer.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *Os pensadores.* Trad.: J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

BARTH, Karl. *Revelação de Deus*: como sublimação da Religião. Trad.: Dorival Alves de Oliveira. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Trad.: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Trad.: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. *A Salvação do belo*. Trad.: Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. *O desaparecimento dos rituais*. Uma topologia do presente. Trad.: Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. *A crise da narração*. Trad.: Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.12, n.1, Abr. 2025, p.95-106

Notas

1 Byung-Chul Han utiliza a expressão pornografia para dizer que a sociedade atual é transparente, no sentido de nudez, tudo está exposto nas redes sociais, a privacidade acaba se tornando algo público.

2 Roland Barthes usa o termo "falo", que significa órgão reprodutor masculino, para indicar o prazer erótico que o leitor pode experienciar através da leitura e fantasia que o texto pode provocar.

3 No idioma francês, a palavra *voyeu*r significa "aquele que vê", por isso descreve uma pessoa que gosta de observar os outros sem participar.

4 É um profissional que estuda de maneira rigorosa, documentos antigos, e sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos.